

# RELATÓRIO

## Janela dos Povos - Perspectivas de inclusão digital a partir do olhar dos povos indígenas, tradicionais e rurais.

### 11º Fórum da Internet no Brasil (2021)

<b>1. Informações básicas do workshop</b>	<b>2</b>
Título e tema do Workshop	2
Formato	2
Proponentes	2
Palestrantes	2
Moderador	4
Relator	4
<b>2. Estruturação do Workshop</b>	<b>5</b>
Objetivos e resultados:	5
Justificativa em relação à governança da Internet:	6
Metodologia e formas de participação desenvolvidas durante o workshop:	6
<b>3. Síntese dos debates</b>	<b>7</b>
Abertura:	7
Palestrante Valdeci Ana dos Santos Nascimento:	7
Palestrante Evani Campos:	8
Palestrante Valdemir Pipipã:	8
Palestrante Vânia Rocha Fialho:	9
Palestrante Gabriel Muniz:	10
Palestrante Priscila Paulino:	11
Palestrante Claudio Nascimento:	11
Fechamento:	12

## **1. Informações básicas do workshop**

### **Título e tema do Workshop**

JANELA DOS POVOS: Perspectivas de inclusão digital a partir do olhar dos povos indígenas, tradicionais e rurais;

### **Formato**

Mesa Redonda

### **Proponentes**

Lafaete Pankararu (União da Juventude Pankararu – Terceiro Setor)

Presidente da União da Juventude Pankararu - UJP e Coordenador da Comissão de Articulação da Juventude Indígena - CAJI; Agente de Inclusão Digital para Inclusão dos Povos Tradicionais; Participante representando o povo indígena no IIIº FIB 2013, palestrante no 10º Encontro nacional da Associação Nacional de Inclusão Digital e palestrante da EXPOTEC 2020.

Augusto César Dantas de Souza (Hal Produtora Cultural – Empresarial)

Profissional cultural com formação em cinema e Produtor Executivo da HAL - produtora cultural independente com atuação no campo das artes, tecnologia e comunicação. As realizações da produtora passam por eventos, documentários, livros e ações de comunicação, atualmente executando os projetos de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial associados ao Queijo Colonial gaúcho, Memórias da Imigração em Pelotas e Cultura do Vaqueiro do Sertão do Pajeú.

### **Palestrantes**

Cacique Evani Tuxá Campos (Aldeia Tuxá Campos de Itacuruba – Terceiro Setor)

Liderança indígena do povo Tuxá em Itacuruba, sua aldeia desenvolve atividades de agroecologia e conservação ambiental nas margens do Rio São Francisco, possui envolvimento com a discussão dos efeitos da energia nuclear sobre populações próximas a usinas e foi.

Valdeci Ana dos Santos Nascimento (ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLAS POÇO DOS CAVALOS – Terceiro Setor)

Professora e liderança do Quilombo Poço dos Cavalos, na cidade de Itacuruba, com atuação no resgate memórias e saberes da comunidade, cujas atividades pedagógicas e atuação comunitária se tornaram tema de pesquisa em Educação Intercultural Indígena e Quilombola e do projeto Nova Cartografia Social.

Cacique Valdemir Pipipã (Povo Pipipã de Kambixuru – Terceiro Setor)

Formado em Ciências Biológicas pela Universidade de Pernambuco e professor da escola estadual indígena, com mestrado em Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas e faz parte do projeto de pesquisa Processos de invisibilidade e emergência indígena: o povo pipipã de Kambixurú no sertão de Pernambuco.

Vânia Rocha Fialho de Paiva e Souza (Laboratório de Estudos sobre Ação Coletiva e Cultura/UPE e PPGA/UFPE – Comunidade Científica e Tecnológica)

Socióloga e Antropóloga, professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE e do Mestrado em Culturas Africanas, da Diáspora e dos Povos Indígenas da UPE. Trabalha com temas relacionados a processos de territorialização, garantia de direitos de povos e comunidades tradicionais. Atua na área de políticas de reconhecimento e coordena o Núcleo de Pernambuco do Projeto Nova Cartografia Social.

Gabriel Muniz de Souza Queiroz (Cineclube Bamako e POSGEA-UFRGS – Comunidade Científica e Tecnológica)

Formado em Design Gráfico (IFPE) e Cinema e Audiovisual (UFPE), desenvolve estudo no Mestrado em Geografia (UFRGS), com a temática de paisagens sonoras em territórios negros no RS. Integrante do Cineclube Bamako, foi arte-educador pela Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia Recife e apresentou o projeto de residência em arte-tecnologia "OuvidoChão: Cartas Quilombolas" no ArtSonica Residência Artística 2019.

Priscilla Paulino (Consultoria Ambiental e Antropológica - Empresarial)

Antropóloga, coordenação de projetos socioambientais, elaboração de diagnóstico participativo, implantação de projetos com Populações Tradicionais – Indígenas, Quilombolas, Pescadores Artesanais, População Ribeirinha etc. e

implantação de Programas Socioambientais. Relacionamento com comunidades; Interface e mediação de conflitos; Interface com organizações sociais e órgãos institucionais – comunicação social. Projetos de Valor Compartilhado (CSV - Creating Shared Value). Projetos de Capital Social, sustentabilidade e metodologias participativas, escuta ativa e Comunicação Compassiva (CNV). Metodologias sistêmicas, Curso Inteligência Sistêmica e participação em congressos internacionais e seminários.

Cláudio José do Nascimento (Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação de Pernambuco - Governamental)

Cláudio Nascimento, atua como Diretor de Transformação Digital na Secretaria de Ciência, Tecnologia e inovação do Estado de Pernambuco (SECTI/PE), cofundador da Lab Griô Consultoria, diretor de articulação institucional e projetos especiais da Associação Nacional de Empresas de Biotecnologia (Anboitec) e ex-conselheiro do Porto Digital, em Recife. Especialista em políticas públicas, o gestor tem atuado em prol do desenvolvimento socioeconômico com foco nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), em Olinda, Recife, e na Amazônia, é ADVOCACY pela agenda 2030 da ONU, e cursou Liderança Criativa, no setor público e sem fins lucrativos, na THINK School of Creative Leadership.

### **Moderador**

Lafaete Pankararu (União da Juventude Pankararu – Terceiro Setor)

Presidente da União da Juventude Pankararu - UJP e Coordenador da Comissão de Articulação da Juventude Indígena - CAJI; Agente de Inclusão Digital para Inclusão dos Povos Tradicionais; participante representando o povo indígena no IIIº FIB 2013, palestrante no 10º Encontro nacional da Associação Nacional de Inclusão Digital e palestrante da EXPOTEC 2020.

### **Relator**

Vitor Hiroshi Pereira (Hal Produtora Cultural – Empresarial)

Estudou Cinema e Audiovisual na Universidade Federal de Pelotas (Ufpel). Diretor nos curtas-metragens Cena (2013, melhor ator em IV Festival Internacional de Cinema da Fronteira, e festival internacional de curtas metragens de SP), Entulho (2014), Torpor (2017); Dique (2018); Produtor no curta-metragem Pomos (2014); Assistente de Direção no média-metragem Tatá (2013). Atuou

como técnico audiovisual no IFsul Pelotas, por um ano e meio, produzindo conteúdo educativo para ead. Após esse período, atuou como produtor audiovisual, coordenando e realizando toda a produção videográfica na Mariachi estratégias digitais, empresa focada em produção publicitária. Atualmente atua como produtor cultural na HAL Produtora Cultural além de trabalhar no setor de Tecnologias Educacionais do Senac RS.

## **2. Estruturação do Workshop**

### **Objetivos e resultados:**

O objetivo principal da mesa redonda foi o de promover o espaço de fala e de reflexão aos povos frequentemente excluídos da partilha de frutos do desenvolvimento da internet e do avanço tecnológico. Trouxemos as narrativas de realidade de comunidades rurais, tradicionais e originárias através da representação do povo indígena Pankararu, na mediação, além dos povos indígenas Tuxá Campos, Pipipãs de Cambixurú e dos Quilombolas do Poço dos Cavalos, como palestrantes. Conjuntamente, a mesa promoveu uma reflexão sobre as potencialidades possíveis na superação dos desafios de universalização, tendo como ideia contribuir com um direcionamento mais justo, humano e inclusivo da internet pela sociedade.

A janela promoveu o debate sobre as dificuldades de acesso enfrentadas pelas comunidades, a discussão sobre os impactos da falta de acesso e os benefícios de uma maior inclusão tecnológica para o desenvolvimento social dos povos e, também, efeitos e possibilidades no campo da cultura, ancestralidade e arte, numa abordagem transversal envolvendo políticas públicas, direitos humanos e inovação. O debate propiciou trocas de perspectivas a partir de todos os setores da sociedade civil abarcados pelo evento, com destaque para relatos de experiências com aplicativos desenvolvidos por povos indígenas, formação de redes entre povos, registro e difusão da memória, pontes entre setor empresarial e terceiro setor para promoção da inclusão, potencialidades de transformação na implantação de políticas públicas de acesso e inclusão.

A partir de seus objetivos, a mesa alcançou os seguintes resultados:

- Promoção da participação e do acesso aos resultados das discussões do 11º FIB a comunidades indígenas, tradicionais e rurais;
- Participação dos povos indígenas, tradicionais e rurais no debate sobre uma Internet mais diversa, universal e inovadora no Brasil;
- Debate dos paradigmas de universalização, diversidade e inclusão da internet para todos os povos;
- Demonstração o potencial de desenvolvimento e inovação do acesso a tecnologias digitais para povos indígenas, tradicionais e rurais;
- Incentivo a pesquisa e a inovação na intersecção entre tecnologias digitais, desenvolvimento, ancestralidade, culturas e identidades;

- Contribuição para a divisão de frutos do acesso a tecnologias digitais para toda a sociedade.

### **Justificativa em relação à governança da Internet:**

Os resultados da Janela dos Povos contribuem com a mudança de paradigmas em relação ao contexto excludente da falta de acesso tecnológico. A discussão da universalização a partir da inclusão de todos os povos têm a capacidade de avançar de forma inovadora os campos das políticas públicas, desenvolvimento local e valorização das diferentes identidades. As realidades e experiências apresentadas nesta mesa, se alinham com os princípios norteadores do FIB e com os objetivos centrais de sua 11ª edição, buscando promover a consolidação da internet com inclusão e a expansão com diversidade. Face aos crescentes desafios naturais e políticos para o nosso século, a inclusão de novas vozes capazes de compartilhar a partir de suas experiências e ancestralidades únicas pode contribuir com uma experiência coletiva que nos direcione para caminhos melhores.

Esta ação contribuiu com o modelo de gestão da Internet no Brasil e ampliou seus pontos fortes, levando o debate a segmentos da sociedade onde o evento tem menor alcance e fomentando a participação de grupos com menores capacidades de acesso, garantindo no nível mais fundamental o debate sobre a governança da Internet. Adicionalmente, a mesa contribui com o desenvolvimento futuro do Fórum da Internet no Brasil ao deixar, com seu registro, material para reflexão sobre a temática e as peculiaridades da promoção da integração de povos rurais, tradicionais e indígenas na sistemática de governança da internet.

### **Metodologia e formas de participação desenvolvidas durante o workshop:**

A mesa foi estruturada em torno dos temas: desenvolvimento, cultura e inovação, a partir de uma abordagem transversal em relação a realidades, políticas públicas, conhecimento científico e oportunidades inovadoras. Após o protocolo de abertura e contextualização promovido pelo mediador, houve um primeiro bloco de falas, reservadas aos representantes dos povos e formuladas a partir de relatos de experiência. Este momento representou a participação do terceiro setor, possibilitando o conhecimento das realidades e contextualização dos problemas discutidos, garantindo o alinhamento da oficina.

Na sequência, um segundo bloco de falas contou com a participação dos demais setores da sociedade civil representados no evento: sociedade científica e tecnológica, setor empresarial e setor governamental, também a partir de relatos de experiência, mediado por comentários. Ao fim da mesa, foram tecidas considerações finais realizando o elo entre todos os momentos discutidos e proposições futuras.

A ação também promoveu a participação dos povos representados pelos palestrantes, além de outras comunidades rurais, tradicionais e originárias, com o

apoio do poder público local. Esse esforço buscou transpor as dificuldades de acesso e aumentar a inclusão no debate. Ao fim da transmissão foi realizada uma roda de povos para discussão de perspectivas e resultados.

A estrutura priorizou a troca de experiências e a aplicação de conhecimentos específicos às realidades apresentadas, levantando indicativos e possibilidades de articulação.

### **3. Síntese dos debates**

#### **Abertura:**

Após os protocolos de abertura, Lafaete apresenta a situação de exclusão dos povos indígenas e Quilombolas em face do processo de expansão do acesso à internet, provocando a invisibilidade dos povos indígenas, tradicionais e rurais, destacando a importância de promover o debate sobre as dificuldades geradas pela falta de inclusão digital dos povos.

#### **Palestrante Valdeci Ana dos Santos Nascimento:**

Posicionamento

Conteúdo:

Valdeci levanta que ainda hoje, quando se fala quilombo e quando se fala aldeia, muitos imaginam que tratam-se de comunidades isoladas, sem acesso a tecnologias e bens de consumo. Porém, destaca, essa não é a realidade. Sempre houve participação dessas comunidades nas interações comunicativas e comerciais da sociedade.

É de fundamental importância que as entidades e governos tenham uma visão direcionada a esses povos. “Somos, de fato, um povo tradicional, mas também somos um povo desenvolvido e temos que ter acesso aos mesmos bens que o restante da sociedade”.

Já existem diversas políticas públicas para inclusão digital, porém elas não atingem todas as comunidades e possuem diversas falhas, não alcançando diversos pontos do país.

Pontos a aprofundar:

Valdeci destaca a necessidade de, reformular e propor novas políticas públicas para garantir o acesso e incluir os povos. O governo deve ter uma visão regionalizada para garantir o acesso. Passamos por um problema muito sério, onde os alunos ficaram muito prejudicados por não terem acesso à internet.

Consenso.

### **Palestrante Evani Campos:**

Posicionamento

Conteúdo:

Evani defende que a internet é uma ferramenta importante pois é através dela que é possível viabilizar todas as lutas de seu povo, destaca que muitos alunos foram prejudicados por não terem acesso à internet no período da pandemia. Além disso, coloca a internet como um instrumento para denunciar os conflitos dentro das próprias comunidades, a cacique ainda cita como exemplo o projeto de construção de uma usina nuclear dentro de território historicamente indígena, casos de grilagem dentre outros.

Pontos a aprofundar:

Evani destaca a necessidade de lutar pela inclusão dos povos que estejam no contexto de falta de acesso à internet, sejam quilombolas, sejam indígenas, quaisquer que sejam.

Consenso.

### **Palestrante Valdemir Pipipã:**

Posicionamento

Conteúdo:

Valdemir afirma que a pandemia evidenciou que algumas ações governamentais são excludentes e que, efetivamente, não existe uma política consistente de acesso à internet aos povos indígenas. De forma geral, os povos rurais ficam excluídos das políticas de acesso.

Levanta uma das nuances da exclusão dos povos que se acentuou durante a pandemia se demonstra através da situação dos professores indígenas, que não tem meios para promover a educação remota nas escolas indígenas nem acesso às políticas específicas para superação do vazio tecnológico para a educação indígena.

Pontos a aprofundar:

Valdemir destaca que além de não ter acesso a sinal internet os povos também não têm acesso à meios de acessá-lo, como celular, tablet e computadores, e é necessária uma abordagem nessas duas frentes.

Consenso.

### **Palestrante Vânia Rocha Fialho:**

Posicionamento

Conteúdo:

Vânia levanta que é importante quebrar a ideia de que povos e comunidades tradicionais estariam distantes das questões da tecnologia e coloca que, na verdade, os povos tradicionais nos auxiliam a pensar no futuro. A questão da ancestralidade, da origem e dos processos históricos nos ajuda a encontrar saídas para o futuro.

Vânia diz que o acesso a internet pode nos ajudar a estabelecer novas relações de sociabilidade, e é a partir dessas novas relações que se estabelecem reações e se ampliam as formas de comunicação contribuindo para o protagonismo e para a resistência dos povos e comunidades tradicionais.

A professora coloca que as experiências digitais vão se diferenciar em relação à formalidade dessas redes. As vezes os instrumentos são muito bem constituídos como é o caso da plataforma <https://www.indiosonline.net/>, e em outros casos essas ferramentas não estão dispostas de forma tão definida, como é o caso do uso de aplicativos de comunicação como o WhatsApp, que se estabelece de forma muito eficaz por possibilitar a comunicação através da voz, incluindo quem também não é alfabetizado e possibilitando a comunicação nas línguas próprias dos povos.

Rede de monitoramento dos direitos indígenas, em Pernambuco, onde estão incluídas representações indígenas e quilombolas, organiza um relatório de como os povos indígenas estão vivenciando e encarando a questão da pandemia, e isso só foi possível porque havia, para algumas pessoas dos povos indígenas de Pernambuco, acesso ao sinal de internet e a algum aparelho capaz de acessar a rede. Dessa forma, o que foi um grande avanço, para poder entender o que estava acontecendo naquele momento, o que só seria possível através desse meio, foi também um limitante pois como relatado anteriormente, há uma dificuldade de acesso ampla por povos e comunidades tradicionais. Mesmo assim, essa iniciativa possibilitou a produção de dados, que até então eram muito precários para poder enfrentar a pandemia. Outro ponto levantado é que os dados mais precisos sobre os povos indígenas e quilombolas estão apresentados pelos portais dos próprios povos, o que evidencia, ainda mais, a importância da ampliação do acesso à internet.

Aplicativo Kokama é um tradutor da língua Kokama, que já conta com a tradução de 900 palavras, que tem ajudado muito a inserção de estudantes Kokama nas escolas e universidades.

A inclusão digital viabiliza, além dos nós de sociabilidade para poder garantir resistência linguística, cultural, das formas de vida desses povos, a questão da inclusão digital corresponde como um importante repertório confrontacional é a partir desses elementos que os povos e comunidades tradicionais, muitas vezes sem apoio dos órgãos que deveriam garantir essas culturas, podem garantir a sua sobrevivência no mundo contemporâneo.

Pontos a aprofundar:

Vânia destaca que existem sempre dois movimentos: em uma ponta há o potencial que os próprios povos e comunidades tradicionais apresentam e na outra há a falta de condições de acesso às ferramentas para dar continuidade a esses processos.

Consenso.

### **Palestrante Gabriel Muniz:**

Posicionamento

Conteúdo:

Gabriel destaca o potencial da internet para a educação popular, frisando que é importante pensar as ferramentas que promovem o acesso à conteúdos que, teoricamente, no senso comum, não chegariam aos povos tradicionais, mas que podem trabalhar a dimensão da tradição e estar se coligando com a modernidade de uma maneira fortalecedora.

A educação popular, através do audiovisual, está sendo utilizado enquanto ferramenta de apoio às comunidades, às periferias e aos povos nessa disseminação e trocas de saberes.

Gabriel defende que, para além da comunicação, o acesso à internet e outras tecnologias possibilitam a preservação das memórias e identidades dos povos tradicionais, no sentido de ressaltar a potências dos lugares para a defesa de territórios, através das leituras de paisagem, contatos e das forças políticas.

Pontos a aprofundar:

A dinâmica de formação de redes entre comunidades, coletivos e instituições é importante para a disseminação dos saberes e ferramentas que possibilitam trabalhar com a dimensão da tradição e modernidade, alcançando os territórios e a sociedade em geral.

Consenso.

## **Palestrante Priscila Paulino:**

Posicionamento

Conteúdo:

Priscila diz que, apesar do momento ter evidenciado as exclusões digitais, a discussão de pertencimento e inclusão vem muito antes da pandemia. Vivemos em um momento em que a educação e o trabalho foram levados para o âmbito digital, e hoje, negar o acesso à internet é negar o acesso à sociedade.

A antropóloga diz que o acesso à rede possibilita uma integração de comércio, de trocas de saberes e de inclusão social como um todo.

No caso de povos tradicionais, os processos de consultoria ambiental e licenciamento devem ser não só participativos, mas devem ser consentidos e conjuntamente construídos. Desde a fase de olhar o diagnóstico do território até as ações de compensação e mitigação, ou até mesmo ações de responsabilidade. Priscila faz sugestão da importância de abordar a questão tecnológica nesses processos, comentando que muitas vezes falta inteligência na proposição de atividades em territórios tradicionais

Adicionalmente, indica que Funai, o Incra, o Ibama, tem que olhar com responsabilidade os territórios que estão sendo diretamente afetados por muitos processos de implantação de empreendimentos e poderiam colocar a questão da inclusão digital como uma condicionante e como uma contrapartida do setor privado tentando desenvolver algum empreendimento ao redor dessas comunidades.

Pontos a aprofundar:

Priscilla destaca a importância de ser abordada a questão da inclusão e pertencimento digital nos processos de licenciamento e mitigações diversas da iniciativa privada, que afetam diretamente os povos rurais, tradicionais e originários.

Consenso.

## **Palestrante Claudio Nascimento:**

Posicionamento

Conteúdo:

Cláudio destaca a necessidade de criação e fortalecimento de redes, destacando ser essencial a inclusão e a diversidade nos processos de inovação: “A gente precisa de mais redes, e além de inovar temos que cocriar. Vivemos em uma

sociedade em que muitas pessoas conseguem acessar a universidade, mas não tem R\$2,00 para pagar o RU”. É necessário equalizar os interesses, de um lado, do cidadão questionando serviços, processos e políticas e do outro lado o governo pensando políticas, processos e serviços.

Para tanto, exemplifica, é importante respeitar a transculturalidade dentro do Estado e criar políticas públicas tendo em vista as necessidades de cada local. No caso da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação de Pernambuco, o primeiro passo para atingir este objetivo foi colocá-la como signatária do Pacto global regido pela ONU, pois os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), principalmente os ODS 5 e 8, que regem as decisões tomadas pela secretária para desenvolver políticas públicas para o estado.

Cláudio destaca a necessidade de compreender que o governo não tem o poder de impor as condições necessárias à ampliação imediata do acesso, exemplifica: “O Estado está realizando um projeto de expansão de rede de fibra ótica para estender a conectividade até Petrolina e agora está na fase de interligar os municípios, mas ainda faltam os parceiros”. Indica que, nesse caso, são os provedores que podem acelerar essa conectividade e que, muitas vezes, quando o estado entra em contato com essas concessionárias e eles não têm interesse, os processos demoram para se concretizar.

O gestor alerta para outros desafios além da garantia do acesso, já que, no uso geral da internet, mesmo conectando pessoas ainda encontram-se dificuldades de inclusão sustentável, “o Brasil hoje é o quarto país mais conectado no mundo, mas o que está sendo visto? Pornografia. A gente não está se qualificando”.

Pontos a aprofundar:

Para além da questão de políticas públicas é importante pensar em como a internet irá promover o desenvolvimento e garantir o propósito dos povos. A tecnologia é um meio muito importante para todas as comunidades, mas algo só é inovador se, de fato, melhorar a vida das pessoas.

### **Fechamento:**

Após os protocolos de encerramento e agradecimentos aos participantes, Lafaete tece as considerações finais da Janela, destacando que por meio da tecnologia os povos tradicionais podem partir de seus próprios territórios de origem, onde muitas vezes os governos têm dificuldade de chegar, mas se a tecnologia estiver disponível, os povos terão a autonomia de chegar aos governos, destacando: “Nós podemos dizer à sociedade que nós resistimos, que nós existimos e que nós só queremos o melhor para a integração de toda a sociedade”.

Proposta

Conteúdo:

Ao final da mesa, Lafaete propõe a realização de um evento similar ao Fórum da Internet no Brasil, porém com viés regional e local, buscando aprofundar as questões levantadas na Janela no Estado de Pernambuco.

Consenso.